



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ELÂNIA DOS SANTOS CAVALCANTI

**AS REPRESENTAÇÕES DA FRAGMENTAÇÃO NAS RELAÇÕES
AMOROSAS CONTEMPORÂNEAS EM MIA COUTO E GUIMARÃES
ROSA: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “O PERFUME” E
“DESENREDO”**

João Pessoa

2018

ELÂNIA DOS SANTOS CAVALCANTI

**AS REPRESENTAÇÕES DA FRAGMENTAÇÃO NAS RELAÇÕES
AMOROSAS CONTEMPORÂNEAS EM MIA COUTO E GUIMARÃES
ROSA: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “O PERFUME” E
“DESENREDO”**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Pós-Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

João Pessoa

2018

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Cavalcanti, Elânia dos Santos.

As representações da fragmentação nas relações amorosas contemporâneas em Mía Couto e Guimarães Rosa : uma análise dos contos "O perfume" e "Desenredo" / Elânia dos Santos Cavalcanti. - João Pessoa, 2018.

48f.

Monografia (Graduação em Letras- Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanessa Neves Rimbau Pinheiro

1. Amor. 2. Fragmentação da identidade. 3. Sofrimento. I. Couto, Mía. II. Rosa, Guimarães III. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82.09

ELÂNIA DOS SANTOS CAVALCANTI

**AS REPRESENTAÇÕES DA FRAGMENTAÇÃO NAS RELAÇÕES
AMOROSAS CONTEMPORÂNEAS EM MIA COUTO E GUIMARÃES
ROSA: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “O PERFUME” E
“DESENREDO”**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 06/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Pós-Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

(Orientadora)

Prof.^a Dra. Alyere Silva Farias

(Examinadora)

Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior

(Examinador)

À vontade que, por meio de muitos nomes, faz
querer continuar a aprender, a descobrir, a
viver.

AGRADECIMENTOS

Pela existência, experiência e graça, gratidão aos que colaboraram para que até aqui essas se tornassem possíveis, e, em particular:

A Deus, pela vida e pelas coisas criadas para torná-la melhor, a beleza, a paz e a esperança;

Aos meus pais, Maria da Penha e Evanzildo, exemplos de dedicação e resistência, com os quais aprendo diariamente a me comprometer mais com a vida e a não desistir, mesmo quando quase tudo é contrário;

A minha irmã, Emília, pelos momentos compartilhados, hoje mais raros do que antes, e por me ensinar a ter mais flexibilidade na mais difícil e incrível arte da vida humana, a convivência.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, uns mais significativamente outros menos, mas que contribuíram para a minha formação profissional e humana, especialmente, aos que foram marcantes e importantes na minha mais recente formação acadêmica, seja pela dedicação ao ensino, seja pelo trato com a literatura, seja pelo espírito pesquisador: Amador Ribeiro Neto, Expedito Ferraz, Vanessa Riambau, Maria Bernadete, Arturo Gouveia, Alyere Farias, Daniela Segabinazi, Socorro Cláudia, Margarete Von Mühlen Poll, Josete Marinho, Fabiana Ferreira.

A minha querida orientadora, Vanessa Riambau, que me acompanhou no desenvolvimento deste trabalho, se mostrando sempre solícita e atenciosa, que com a sua gentileza fez este tempo ser muito mais leve e tranquilo do que realmente foi, que me emprestou livro e me indicou as pedras que poderiam ser retiradas ou acrescentadas para que o caminho até o fim fosse construído;

À banca examinadora deste trabalho, a Professora Alyere Farias e o Professor Expedito, que prontamente aceitaram o convite de cumprir esta tarefa e também de participar deste momento ímpar da minha formação;

Ao meu estimado orientador de Pibic, Expedito Ferraz, que muito contribuiu para a minha formação e iniciação à pesquisa, durante o período em que fui sua bolsista, e que carinhosamente aceitou o convite de também participar deste momento que simboliza a conclusão desta etapa na minha formação acadêmica;

Aos colegas e professoras que fizeram parte do Promeb e do Pibid, projetos dos quais tive a oportunidade de participar e de viver muitas experiências proveitosas com o ensino e com o ambiente escolar;

À turma 2013.1 (noturno), pelos encontros, pelo conhecimento e o aprendizado que a Universidade me proporcionou ao ingressar nesta turma, que, desde o começo, me fez sentir parte de algo próximo ao ambiente familiar, produzindo laços, alguns dos quais, com o passar das aulas, dos trabalhos em grupo, dos períodos e dos anos foram se estreitando, outros tantos, assim como em qualquer família, a vida fez questão de desatar, porque era necessário que assim fosse. Agradeço o tempo compartilhado com todos os colegas da turma, especialmente aos mais resistentes, aqueles que permaneceram no curso durante esses 5 anos. De maneira mais singular, agradeço a graça de ter conhecido Ana Claudia, Raquel e Sr. França, que considero seres humanos extraordinários, que possuem qualidades louváveis; Claudia, com uma capacidade imensa de se doar e de resistir às adversidades; Raquel, com sonhos maiores do que ela mesma e com disposição e potencial tão maiores quanto para realizá-los; Sr. França, com a sua bondade, ternura e força de vontade. Quero seguir aprendendo com vocês.

Porque existimos

São doridas por hábito as linhas que lembram o amor. Não é justo, amor, como se a flecha quebrada, a flor que secou, o pombo-correio que perdeu a rota, sei lá, fossem o tudo. Teimo em cantar vigorosa poesia até sobre crateras eternas que parimos. Que seja curto ou longo, agora não importa. Maresia é que não. Para todos os efeitos, existimos.

(PATISSA, 2016)

RESUMO

No cenário pós-moderno, muitas têm sido as mudanças relativas ao homem e ao seu modo de interagir com o que o cerca. Neste sentido, este trabalho analisa como ocorre a fragmentação das relações humanas, especialmente das relações amorosas atuais, verificando quais são as causas, nos textos literários observados, que dão origem a essa fragmentação, a partir da comparação da representação dessa fragmentação nas literaturas contemporâneas de Língua Portuguesa, tanto Africana quanto Brasileira, tendo como corpus elegido as obras de dois autores coetâneos representativos dessas duas literaturas: Mia Couto e Guimarães Rosa. O corpus selecionado para a análise são os contos “O perfume”, de Mia Couto, publicado na obra *Estórias Abensonhadas* (1994), e “Desenredo” – conto de Guimarães Rosa, presente no livro *Tutaméia – Terceiras Estórias* (1967). Quanto à análise, nos detemos nas seguintes categorias temáticas comuns nos dois objetos em questão: a crise de identidade do sujeito, o amor (enamoramento) e o sofrimento causado pela decepção amorosa. Sobre as manifestações dos personagens relacionadas às características presentes nessas relações, nos respaldamos no que relatam Bauman (2004) e Alberoni (2010); quanto ao processo de fragmentação da identidade do sujeito no mundo contemporâneo, nos apoiamos no que ressalta Hall (1992). Ainda, sobre o sentimento de sofrimento causado pela decepção amorosa, adotamos os conceitos trazidos por Schopenhauer (1960).

Palavras-chave: Amor; fragmentação da identidade; sofrimento; Mia Couto; Guimarães Rosa.

RESUMEN

*En el escenario pós-moderno, muchos han sido los cambios relativos sobre el hombre y su modo de interactuar con lo que lo rodea. En este sentido, este trabajo análisis como ocurre la fragmentación de las relaciones humanas, especialmente de las relaciones amorosas actuales, comprobando cuáles son las causas que las originan, en los textos literarios observados, que dan origen a esa fragmentación, a partir de la comparación de la representación de esa fragmentación en las literaturas contemporâneas de la Lengua Portuguesa de África tanto de Brasil, con el corpus elegido las obras de dos autores coetâneos representativos de esas dos literaturas: Mia Couto y Guimarães Rosa. El corpus seleccionado para el análisis son los cuentos “El perfume” de Mia Couto, publicado en la obra *Estórias Abensonhadas* (1994) e “Desenredo” – cuento de Guimarães Rosa, presente em el livro *Tutaméia – Terceiras Estórias*, (1967). En cuanto al análisis, nos detenemos en las siguientes categorías temáticas comunes en los dos objetos en cuestión: la crisis de la identidad del sujeto, el amor (enamoramiento) y el sufrimiento causado por la decepción amorosa. Sobre las manifestaciones de los personajes relacionadas con las características presentes en las relaciones amorosas, nos respaldamos en lo que relatan Bauman (2004) y Alberoni (2010); en el proceso de fragmentación de la identidad del sujeto en el mundo contemporâneo, nos apoyamos en lo que resalta Hall (1992). Todavía, sobre el sentimiento de sufrimiento causado por la decepción amorosa, adoptamos los conceptos traídos por Schopenhauer (1960).*

Palabras-clave: Amor; fragmentación de la identidad; sufrimiento; Mia Couto; Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

| | |
|--|--------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12-13 |
| 2. DE AMOR E SOFRIMENTO: EMBASAMENTOS TEÓRICOS..... | 14 |
| 2.1. A crise da identidade do sujeito pós-moderno e as relações amorosas contemporâneas..... | 14-16 |
| 2.2. Relacionamentos amorosos na sociedade contemporânea..... | 16-22 |
| 2.3. O inevitável dos envolvimento afetivos humanos: o sofrimento..... | 22-28 |
| 3. A FRAGMENTAÇÃO EM MIA COUTO E GUIMARÃES ROSA: ANÁLISE..... | 29-30 |
| 3.1. A crise de identidade do sujeito nos contos “O perfume” e “Desenredo”..... | 31-35 |
| 3.2. O amor (enamoramento) nos contos “O perfume” e “Desenredo”..... | 35-42 |
| 3.3. O sofrimento causado pela decepção amorosa nos contos “O perfume” e “Desenredo”..... | 42-46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47-48 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 49 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar como ocorre a fragmentação das relações humanas, especialmente os vínculos amorosos atuais, verificando quais são as causas que dão origem a essa fragmentação, buscando-se uma comparação da representação dessa fragmentação nas literaturas contemporâneas de Língua Portuguesa, tanto Africana quanto Brasileira, tendo como corpus elegido as obras de dois autores coetâneos representativos: Mia Couto – escritor moçambicano expressivo, que possui uma obra literária diversa e bem reconhecida por vários prêmios importantes, e passeia por vários gêneros: poesia, contos, romance e crônicas – e Guimarães Rosa – autor brasileiro também renomado, que expõe em suas obras as peculiaridades pertencentes ao povo brasileiro, particularmente as características regionais expostas pela linguagem dos seus personagens, devido ao fato de a ambientação na maioria das suas obras ser passada no sertão brasileiro; além disso, a sua escrita é marcada por duas características: a originalidade e a criação de novos vocábulos – ambas influências do modernismo no país – que trouxeram à Literatura Brasileira uma nova perspectiva literária e social.

O corpus selecionado para a análise é composto por duas obras dos respectivos autores já mencionados, o conto “O perfume” de Mia Couto, publicado na obra *Estórias Abensonhadas* (1994) e “Desenredo” – Conto de Guimarães Rosa, presente no livro *Tutaméia – Terceiras Estórias*, (1967).

O primeiro conto é narrado em 3ª pessoa e o enredo gira em torno de um casal, Justino e Glória; a mulher recebe um convite do marido para ir a um baile, entregando-lhe um presente, atitude que surpreende Glória, que já não esperava mais nada do marido nem da relação desgastada e em virtude da solidão em que vivia.

No segundo conto, a narração também é em 3ª pessoa e, assim como o primeiro, a história tem como personagens centrais um casal, Jó Joaquim e Vilíria. O que difere nas duas obras, entretanto, é o fato de o romance entre estes últimos ter sido inicialmente secreto, pois Vilíria já era casada com outro homem. Jó Joaquim era, então, amante dessa mulher, porém, não o único, porque ela também tinha um segundo amante, o qual é assassinado pelo marido ao vê-los juntos. Após o acontecido, Jó Joaquim se afasta de Vilíria, enquanto ela estivera casada. Ficando ela viúva, eles se reaproximam e logo se casam, mas a alegria dura pouco, pois desta vez é ele quem a surpreende com outro amante e a manda para longe.

Quanto às temáticas expostas nos contos, essas são variadas, podendo ser analisadas por diferentes perspectivas.

No conto “O perfume”, de Mia Couto, os temas que mais se destacam, gerando possíveis categorias temáticas a serem analisadas, são: a crise de identidade do sujeito, o amor (enamoramento), o sofrimento causado pela decepção amorosa, a submissão feminina ao homem, a decadência matrimonial, a solidão, a liberdade, o espaço-tempo e a felicidade.

Já o conto “Desenredo”, de Guimarães Rosa, possui, como prováveis aspectos centrais à análise: a traição, o eros, o preconceito social em relação à sexualidade da mulher, o perdão, o amor (enamoramento), a crise de identidade do sujeito, o sofrimento causado pela decepção amorosa, a concepção de honra social advinda do machismo, a felicidade.

No entanto, diante deste universo de possibilidades, em nossa análise, nos deteremos nas seguintes categorias temáticas comuns nos dois objetos em questão: a crise de identidade do sujeito, o amor (enamoramento) e o sofrimento causado pela decepção amorosa, embora algumas das demais temáticas citadas anteriormente também estejam presentes, ainda que de maneira mais sutil, em nossa análise dos contos, já que temas como a traição, o perdão, a submissão, a solidão e a felicidade também serão comentados na análise, pois também compõem as três classificações focalizadas aqui.

Quanto às fundamentações teóricas que embasaram a posterior análise dos contos, nos deteremos aqui para uma melhor explanação. Sobre as manifestações dos personagens relacionadas às características presentes nas relações amorosas, nos respaldaremos no que relatam Bauman (2004) e Alberoni (2010); no processo de fragmentação da identidade do sujeito no mundo contemporâneo, nos apoiaremos no que ressalta Hall (1992). Ainda, sobre o sentimento de sofrimento causado pela decepção amorosa, adotaremos os conceitos trazidos por Schopenhauer (1960).

Quanto a sua estrutura, este trabalho apresenta, além deste primeiro capítulo introdutório, um segundo capítulo que descreve as teorias supracitadas – os conceitos acerca da crise de identidade do sujeito pós-moderno, as considerações sobre os relacionamentos amorosos na sociedade contemporânea e o sofrimento consequente dos vínculos afetivos atuais. Ademais, o terceiro capítulo desenvolve a análise dos contos “O perfume” e “Desenredo”, avaliando-se como as teorias abordadas são aplicadas em tais textos por meio da observação das categorias temáticas selecionadas.

2. DE AMOR E SOFRIMENTO: EMBASAMENTOS TEÓRICOS

2.1. A crise da identidade do sujeito pós-moderno e as relações amorosas contemporâneas

É evidente que a modernidade trouxe inúmeras mudanças para a humanidade e tem transformado a sua relação com o meio em que vive, entre si e consigo mesma. Para que possamos compreender, pois, qual tem sido o impacto de tais alterações nos relacionamentos interpessoais atuais, particularmente as relações amorosas contemporâneas – objeto do nosso estudo – é preciso antes se observar, sociológica e historicamente, o que tem se verificado com o indivíduo enquanto ser social, cultural e político.

O conceito de sujeito se mostra diverso ao longo dos séculos e das culturas. Podemos observar, neste contexto, a discussão acerca da questão da identidade, abordada pela teoria social, que busca compreender como esse aspecto tem se desfigurado na atualidade, deixando para trás a antiga identidade conhecida e já estabelecida e caminhando no sentido de uma nova identidade fragmentada e instável, por estar em constante modificação.

Assim, um dos estudiosos que mais se dedica ao entendimento deste tema é o sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932 - 2014), o qual explica que existem três diferentes concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo baseava-se na noção de ser humano

como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — continuou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 1992, p. 2).

O sujeito sociológico, por sua vez, é caracterizado pelo teórico como sendo aquele em que “a identidade é formada na “interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 1992, p. 2); e, por fim, o sujeito pós-moderno é percebido

como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias,

empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1992, p. 2).

No tocante à questão da identidade abordada por Hall (1992), essa se encontra em crise, pois o sujeito, antes visto como unificado, está se modificando, novas identidades estão surgindo e causando a fragmentação do indivíduo, tudo isso em virtude de um deslocamento maior que está alterando as estruturas das sociedades modernas e refletindo na instabilidade dos indivíduos que antes possuíam outros modelos como referência. Assim, sobre esta “crise de identidade” Hall (1992, p. 1) esclarece,

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

Outro fator relevante para a questão da identidade é a mudança na modernidade tardia associada ao processo de globalização, este que tem causado vários impactos à identidade cultural, ao perfil das sociedades atuais e, conseqüentemente às relações econômicas, humanas e políticas. A respeito disso, Hall (MARX; ENGELS, 1973, p. 70 apud HALL, 1992, p. 3) comenta:

Em essência, o argumento é que a mudança na modernidade tardia tem um caráter muito específico. Como Marx disse sobre a modernidade: O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar [...]

Dessa maneira, esta “crise de identidade”, apontada por Hall (1992), é importante ser abordada para que se compreenda de que forma se apresenta a diluição do sujeito pós-moderno, com todas as suas inconstâncias e vulnerabilidades, que resultam em modificações bruscas nas relações humanas, mais especificamente nas relações amorosas que aqui serão analisadas. A respeito disso, Lima e Almeida (2016, p. 56), citando Chaves (2010) e Smeha,

Oliveira (2013), comentam como o processo de fragmentação do sujeito pós-moderno tem se manifestado nas atuais relações humanas:

Para Chaves (2010), os relacionamentos atuais são marcados pela flexibilização tanto de regras como de maneiras de se relacionar, fatores como autossatisfação e autorrealização são levados em consideração, sempre com foco no tempo presente, na liberdade individual. Para Smeha e Oliveira (2013), os relacionamentos atuais foram descritos com características como predominância da individualidade, da superficialidade, pouco investimento e instabilidade, e existe um desejo de conciliar a vivência amorosa com todas as exigências da vida cotidiana.

No próximo tópico deste capítulo, discorreremos mais sobre essa relação entre a fragilidade da identidade do sujeito na contemporaneidade e a construção das relações amorosas do tempo vigente, com base na fundamentação teórica e social que compõe este trabalho.

2.2. Relações amorosas na sociedade contemporânea

As relações humanas atuais, assim como todos os envolvimento que são motivados pelo indivíduo que pertence à sociedade contemporânea, têm sofrido um visível processo de desconstrução identitária, conforme bem explica Stuart Hall (1992). Essas são marcadas por dualidades que as tornam desequilibradas, uma instabilidade que, geralmente, também é muito presente nos relacionamentos amorosos hodiernos – sendo ainda de maneira mais intensa – já que esses são a expressão de vínculo mais estreito entre duas pessoas que convivem e partilham as suas existências.

Zygmunt Bauman (2004) comenta sobre a liquidez característica nas relações humanas da atualidade. Como as mudanças da pós-modernidade trouxeram mais rapidez aos processos, assim também o fez com os laços humanos, tornando-os mais flexíveis e confusos, consequentemente, mais frágeis. Para esse autor:

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 6).

O autor ressalta, na citação acima, que a modernidade líquida tem transformado os relacionamentos em “pesadelo”, devido a todas as perturbações ocasionadas por tais relações, mas, apesar de a individualidade ter aumentado e assim também a crescente e infinita angústia causada pelas relações amorosas contemporâneas, essas relações estão sendo, cada vez mais, a preocupação dos indivíduos modernos, podendo não ser mais consideradas como eventos únicos, pois há pessoas que dizem se apaixonarem e desapaixonarem várias vezes na vida (BAUMAN, 2004).

Além da liquidez tão presente nos relacionamentos amorosos atuais, outro aspecto próprio desses é a busca pelo outro apenas para a realização própria, o que tem gerado a não satisfação e, portanto, o sofrimento por não cumprir com as expectativas idealizadas, relações movidas pela paixão, em que o desejo é o que impera, ocasionando o consumismo dos indivíduos envolvidos e vários sofrimentos. Conforme Bauman (2004, p. 18) assevera:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Assim, tendo o desejo individual como centro, na atual cultura consumista e imediatista, o outro se torna uma mercadoria que deve ser capaz de suprir as exigências conforme as necessidades próprias do mundo moderno, oferecendo prazer sem dor, de maneira rápida e em altas dosagens, para que não se perca muito tempo nem demande muito empenho. Em caso contrário, o produto certamente é devolvido e substituído por outro, pois este já não serve a quem por ele antes se interessou e quis conquistá-lo, por isso observa-se, cada vez mais, pessoas gananciosamente buscando, em vários relacionamentos, a realização de tais desejos, provocando os sentimentos de frustração em si e de insignificância no outro.

Entre os fatores que têm contribuído para a diluição nessas relações, a busca pelo outro apenas para a realização própria tem gerado a não satisfação e, portanto, o sofrimento por não cumprir com as expectativas idealizadas. Conforme Bauman (2004, p. 30) argumenta:

Hoje o sexo é a própria síntese [...]. Agora espera-se que o sexo seja auto-sustentável e auto-suficiente, que "se mantenha sobre os próprios pés", para ser julgado

unicamente pela satisfação que possa trazer por si mesmo (ainda que, em regra, ela seja interrompida bem antes da expectativa gerada pela mídia). Não admira que também tenha crescido enormemente sua capacidade de gerar frustração e de exacerbar a própria sensação de estrangulamento que se esperava que curasse.

Bauman afirma que as relações amorosas hoje, geralmente, se iniciam logo quando surge um desejo físico entre indivíduos, o que resulta e se fixa na relação íntima por meio do sexo. O teórico enfatiza que “o sexo pelo sexo”, é insustentável e insuficiente para que essas relações sejam satisfatórias, o que tem gerado cada vez mais o sentimento de frustração por não alcançar aquilo que se espera.

A respeito dessas relações movidas pela paixão, observa-se que o desejo é o que impera nelas, ocasionando o consumismo dos indivíduos envolvidos e vários sofrimentos. Segundo Bauman (2004):

Desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir — aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade. Essa presença é desde sempre uma afronta e uma humilhação. O desejo é o ímpeto de vingar a afronta e evitar a humilhação. É uma compulsão a preencher a lacuna que separa da alteridade, na medida em que esta acena e repele, em que seduz com a promessa do inexplorado e irrita por sua obstinada e evasiva diferença. O desejo é um impulso que incita a despir a alteridade dessa diferença; portanto, a desempoderá-la [disempower]. Provar, explorar, tornar familiar e domesticar. [...]. Em sua essência, o desejo é um impulso de destruição. E, embora de forma oblíqua, de autodestruição: o desejo é contaminado, desde o seu nascimento, pela vontade de morrer. Esse é, porém, seu segredo mais bem guardado – sobretudo de si mesmo. (p. 12).

Conforme descrito pelo autor, o desejo tem como alimento a figura do outro, e esta existência por si só já incomoda, é vista como algo humilhante. Isso causa uma vontade de ocupar o espaço, que é a diferença existente no outro. Portanto, o desejo é a fúria por subjugar o outro, tendo como disposição a destruição e a autodestruição, pois ele, ao mesmo tempo em que consome, se consome.

Já as relações movidas pelo amor são distintas da paixão, pois essas se caracterizam não pelo consumo, mas sim pelo cuidado com o outro, pela conservação. De acordo com Bauman,

O amor, por outro lado, é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto desejo. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que "está lá fora". Ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo. Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo. O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado.

Amar diz respeito a (sic) auto-sobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a — ciumentamente — guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. (BAUMAN, 2004, p.13).

Sendo o amor o oposto do desejo, como evidencia o sociólogo, ele se preocupa com o bem-estar do outro, não com a satisfação própria por meio da exploração do objeto desejado. Amar é se doar, servir o outro a fim de protegê-lo. O amor sobrevive porque há a existência da alteridade, e é dela que ele se alimenta.

Sobre o amor, há, desde os primórdios, várias outras concepções. No entanto, algumas perspectivas atuais comungam com o ponto de vista trazido pelo teórico em questão e outras apresentam certas distinções. Nesse sentido, um estudioso do presente tema, Francesco Alberoni, professor da Universidade de Milão, faz considerações, por exemplo, sobre o amor em sua obra *Enamoramento e Amor* (2010). Para ele, o enamoramento “é o estado nascente de um movimento colectivo a dois” (ALBERONI, 2010, p.15); também “é um processo em que a outra pessoa, aquela que encontramos e nos correspondeu, se nos impõe como objeto pleno do desejo, e este facto obriga-nos a reorganizar tudo, a repensar, é um refazer, pois é, de facto, um renascimento.” (ALBERONI, 2010, p. 36). E, ainda, “O enamoramento é assim um encontrar, um perder e um reencontrar. É certo que nada há que garanta a continuidade da reciprocidade, mas existe sempre a experiência de 'graça', que dá esta confiança, e o enamoramento é também confiança, fiar-se, abandonar-se confiadamente ao outro.” (ALBERONI, 2010, p. 43), ou seja, o enamoramento, segundo o estudioso, seria a fase em que nasce um movimento coletivo – comparado aos demais movimentos coletivos que são compostos por grupos sociais – tendo este como peculiaridade maior a existência de um coletivo formado por apenas dois indivíduos, em que o desejo maior é o outro, sendo a causa de mudança de vida, de um recriar-se, é um encontro que une, gera confiança, mesmo sem dar esperança de futuro, e também separa, algo se perde, pois “não existe movimento sem diferença, não existe enamoramento sem transgressão” (ALBERONI, 2010, p. 29).

Segundo Alberoni (2010), por consequência, uma propriedade admirável do estado nascente, tanto no caso do enamoramento quanto no início dos movimentos outros, é o fato de o passado ser posto à tona, ou seja, ele passa a ser refletido, virtude essa que não acontece na vida cotidiana, pois “o nosso passado pesa na consciência, e nós defendemo-nos com o esquecimento, com a distração, com a remoção que o torna inconsciente. ” (ALBERONI, 2010, p. 36). Todavia, o enamoramento permite que as pessoas revejam o passado e entendam

que os males causados foram consequências de escolhas que fizeram e já não as querem mais.

Assim:

O passado não é escondido ou negado, é privado de valor. [...] O passado aparece como pré-história e a verdadeira história começa agora. Assim cessa o ressentimento, o rancor, o desejo de vingança; não se pode odiar o que não tem valor, o que não conta. [...] O passado adquiriu um outro significado à luz do seu novo amor. [...] (ALBERONI, 2010, p. 37).

O enamoramento, contudo, tem também efeitos negativos, pois, além de não se sentir mais incomodada com o passado, a pessoa enamorada, quando deixa o outro com quem se relacionava, não sente o sofrimento que causa à pessoa que abandonou, pelo fato de estar no êxtase do movimento nascente; e até se ilude que a pessoa que sofre irá aceitar a sua nova escolha. Isso, entretanto, é um equívoco, pois

o enamoramento tem como efeito provocar na pessoa abandonada um desejo terrível: é como efeito se a fizesse enamorar de quem agora já não tem necessidade dela e já não sofre por sua causa. Aquilo que já não interessava na banalidade da vida quotidiana volta a ser essencial [...] A perda da pessoa menospreza tudo aquilo que é, os seus valores, a sua imagem, a opinião que tem de si própria. Quem está enamorado não se dá conta da terrível ofensa que faz àquele que abandona e que este não pode perdoar. (ALBERONI, 2010, p. 38).

Outra causa de sofrimento para os enamorados, conforme o autor explica, se dá quando existe o enamoramento unilateral – uma pessoa se encontra enamorada e a outra não, fazendo a pessoa que ama sofrer quando descobre que o outro não lhe era correspondente, ou, ainda, quando o enamoramento é transformado em banalização, quando uma das duas pessoas tem medo do novo, limita e acaba modificando o jeito do outro, o domesticando; além do mais, como o enamoramento é atraído pelo diferente e pelo novo, a mesmice tende a esmagá-lo.

Nada destrói mais totalmente o enamoramento do que a repetição do idêntico, o ter de viver experiências já provadas, encontrando os mesmos obstáculos já conhecidos, já imaginados, já vividos. [...] Mas é também verdade que o que é novo para um pode ser o já vivido para o outro, o retorno do idêntico. Então os projectos tornam-se incompatíveis e o enamoramento acaba. (ALBERONI, 2010, p. 128).

O autor disserta também sobre como transcorrem as relações amorosas na vida cotidiana; e, assim, percebemos, com tais descrições do que seriam essas relações, como as suas concepções sobre o amor contemporâneo se encontram com as considerações de Bauman

(2004). Para Alberoni (2010), a vida atual é marcada pelo descontentamento, pelo excesso de tarefas, todos sempre estão ocupados com coisas que, nem sempre, gostamos de fazer, que, geralmente, nos são solicitadas e que requerem que as realizemos imediatamente, caso contrário, somos punidos, ou seja, acabamos não realizando aquilo que de fato desejamos, pois sempre há um impedimento e, em certo momento, já nem sabemos mais se a vontade existe. Sendo assim, Alberoni (2010, p.47) pontua: “Na vida cotidiana acabamos por ser absorvidos por este contínuo ‘fazer algo diferente para alguém diferente’; a nossa vida reduz-se a isso. Nunca nos sentimos compreendidos até o fundo, nunca nos é dada uma profunda satisfação, jamais os nossos desejos e os dos outros se encontram completamente”.

O autor compreende, contudo, que o enamoramento produz um efeito contrário a esse desapontamento gerado pela realidade da vida cotidiana. No enamoramento, o desejo é libertado, ele se torna a prioridade, tudo gira em torno dele – “Tudo o que fazemos pela pessoa amada não significa realizar algo diferente e para alguém diferente, é para nós, para sermos felizes, e toda a nossa vida é dirigida para uma meta cujo prêmio é a felicidade” (ALBERONI 2010, p. 48).

Então, a vida cotidiana é representada pela obrigação de satisfazer sempre a vontade dos outros, optando por uma decisão ou outra, que cause mais ou menos desapontamento. O enamoramento, no entanto, é a escolha entre o tudo ou o nada. Assim, existe uma polaridade tanto na vida cotidiana quanto no enamoramento. “A polaridade da vida cotidiana é entre a tranquilidade e o desapontamento; a do enamoramento, entre o êxtase e o tormento. A vida cotidiana é um eterno purgatório; no enamoramento há só ou o paraíso ou o inferno, ou somos salvos ou condenados” (ALBERONI, 2010, p. 48).

Compreendendo-se, dessa maneira, que tanto o estado nascente quanto a instituição cotidiana possuem desvantagens e, por isso, não são estados em que a perfeição habita, entende-se também que eles são igualmente importantes, não há um que seja superior ao outro, porque ambos fazem parte da vida, e não há a existência do enamoramento, por exemplo, sem que haja uma posterior instituição, já que “ O enamoramento, quando tudo corre bem, termina no amor; o movimento, quando resulta, produz uma instituição. Contudo, a relação que há entre enamoramento e amor, entre estado nascente e instituição, é do tipo da que existe entre levantar voo, voar e ter chegado [...]” (ALBERONI, 2010, p. 59).

Não obstante, o professor afirma que os dois estados são diferentes, não há razões para confundi-los, pois os pensamentos dos enamorados e da vida cotidiana são distintos. Enquanto

que na vida cotidiana a racionalidade, a utilidade, a troca contabilizada, as regras, as certezas, as proibições entre outras características a definem, no enamoramento o princípio do comunismo é o que rege, a oferta é dada e não se espera nada do mesmo valor em troca, tendo, também, como dimensão a verdade e a autenticidade; o enamoramento é irracional e cabe ao privado. Assim, na vida cotidiana, o enamoramento não é aceito, antes, ele é rejeitado, pois nela:

raciocinamos em termos de utilidade, de interesses, de meios, de vantagens e desvantagens. Assim, poderíamos antes afirmar que o utilitarismo é o modo de pensar da vida cotidiana, que, como já dissemos, considera irracional o entusiasmo, o desinteresse e a paixão, defende-se deles, não quer ser perturbado por eles. (ALBERONI, 2010, p. 142).

Sobre a continuidade do enamoramento, conforme Alberoni (2010), esse pode renascer, caso a vida cotidiana seja enfrentada de uma maneira nova, em que o extraordinário é realizado continuamente, em que o caminho a dois é percorrido juntos, mesmo depois das provas, em que a admiração do interior e do exterior é constante. Deste jeito, “o enamoramento continua porque o estado nascente, é um contínuo rever, redescobrir, renovar, procurando os desafios e as ocasiões. Então temos um reenamorar-se da mesma pessoa, mas isto exige que a iniciativa venha de ambas as partes” (ALBERONI, 2010, p. 130).

Por fim, sobre o amor, o autor baliza a respeito, argumentando que esse sentimento “confere um enorme poder a quem ama, e este poder dá prazer porque lisonjeia a vaidade, porque torna o outro escravo, disponível [...]” (ALBERONI, 2010, p. 77). Também, no amor as coisas consideradas negativas na vida cotidiana são vistas como qualidades, ganham, então, um outro valor, são interpretadas de outra forma, assim, “No amor cada um conhece as fraquezas do outro, mas, mesmo considerando-as como tal, compreende-as, perdoa-as ou até as aprecia.” (ALBERONI, 2010, p. 82).

2.3. O inevitável dos envoltimentos afetivos humanos: o sofrimento

Conforme a filosofia schopenhaueriana, o sofrimento é o que há de mais positivo na vida humana. Não são os momentos de realizações dos nossos desejos, de bem-estar, de alegrias, de satisfação, de felicidade, de tranquilidade, de prosperidade que nos despertam, mas, sim, tudo o que nos é desagradável, doloroso, decepcionante, difícil, desgostoso é o que

nos marca. Portanto, a dor sendo positiva à vida humana, dá significância ao mundo. Sem esta, a vida não faria sentido, seria negativa. (SCHOPENHAUER, 1960). Sobre o sofrimento, Schopenhauer assevera que:

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir [...] O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto. Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente. (1960, p. 7).

Acerca da ideia supracitada, a dor, sentimento próprio da condição humana, que pode ser motivada por diversas causas e que pode trazer consequências ligadas a outros sentimentos que lhe são característicos, é entendida, na perspectiva de Schopenhauer (1960), como positiva para a vida humana. Em outras palavras, não são as vitórias, os prazeres, o conforto e tranquilo que fazem o mundo, as relações e ações humanas se moverem, mas, sim, as tragédias, os perigos, os desafios e obstáculos que fazem com que ocorram mudanças no estado de sentir.

Como seria a existência se o sofrimento fosse extinto do mundo? Viver seria insuportável, acredita o filósofo, o mundo seria entediante se as pessoas tivessem todos os seus desejos realizados conforme as suas vontades. Por isso, o bem é muito mais negativo do que positivo, o bem não é todo bom, como explica a maior parte dos sistemas metafísicos desconsiderados por Schopenhauer. Sendo o mal o que é sentido grandemente, este é interpretado como muito mais positivo.

Segundo Schopenhauer (1960), a existência é um eterno tormento, o homem vive uma instabilidade constante, entre as várias batalhas, misérias, desgraças, doenças, trabalho, inquietações, perseguições, insegurança, desequilíbrios, entre outras dores. Tudo aquilo que almejamos se contrapõe à nossa vontade, por isso não é fácil alcançá-lo, é preciso combater para se vencer. Complementando, o autor enfatiza: “E da mesma maneira a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou o aborrecimento, mas também contra os outros homens. Em toda a parte se encontra um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 7).

Dessa maneira, conforme Schopenhauer, o sofrimento humano é interminável. Mesmo que haja algumas alegrias e gostos no mundo, eles são passageiros e insignificantes se comparados às dores vivenciadas, que são intensas e significantes. Por isso, as dores não são

facilmente esquecidas, porque elas custaram mais esforços do homem para lutarem contra elas, o sofrimento lhe é caro, portanto, positivo.

Schopenhauer (2001) disserta sobre a representação do mundo como vontade, a vontade objetivada, sendo o mundo visível e a vida, portanto, o reflexo da vontade. Nessa obra, o filósofo completa afirmando que

sendo a vontade a coisa em si, a substância, a essência do mundo; e a vida, o mundo visível, o fenômeno, não sendo mais que o espelho da vontade, segue-se daí que a vida acompanhará a vontade com a mesma inseparabilidade com que a sombra acompanha o corpo: onde houver vontade, haverá também vida, mundo. (SCHOPENHAUER, 2001, p.4).

Schopenhauer nos leva a refletir sobre o que seria a representação do mundo e da vida, afirmando que estes são essencialmente representados pela vontade. Esta acompanhará toda a existência humana, não há como separar o viver da sua substância, a vontade.

Para Schopenhauer, a vida está ligada ao querer-viver. Sendo o indivíduo um fenômeno, ele não deveria se preocupar nem mesmo com a morte, já que ele só existe por causa do conhecimento subordinado ao princípio da individualização.

Nascer e morrer são coisas que pertencem ao fenômeno da vontade, e aparecem nas criaturas individuais, manifestando fugitivamente e no tempo, aquilo que em si não conhece tempo e deve exatamente manifestar-se sob esta forma com o fim de poder objetivar a sua verdadeira natureza. Pela mesma razão, nascimento e morte pertencem à vida e equilibram-se mutuamente como condições recíprocas, ou melhor, como pólos do fenômeno total. (SCHOPENHAUER, 2001, p.4).

O fenômeno total, a vida, é compreendido aqui como a vontade individual, tendo o nascimento e a morte como partes pertencentes a esse todo. Dessa forma, o nascimento e a morte são correspondentes, têm pesos semelhantes, devido a sua natureza. Tal fenômeno tem o nascimento e a morte como consequências, e esses são fundamentais ao fenômeno da vontade.

No mesmo livro, o filósofo também nos apresenta uma relação entre a morte e a dor, explica como, geralmente, o indivíduo prefere sentir os piores sofrimentos à morte, porque este vê a morte como um mal terrível e o fim de sua existência.

O que tememos na morte não é a dor, porque, por um lado a dor existe evidentemente, deste outro lado da morte, ou inversamente, preferimos freqüentemente suportar os mais cruéis sofrimentos para subtrair-nos um instante que seja a uma morte que todavia (sic). seria pronta e fácil. A morte e a dor são,

portanto, aos nossos olhos, dois males distintos: o que tememos na morte é efetivamente a destruição do indivíduo porque estamos sob essa forma em que ela se nos apresenta abertamente; e como o indivíduo é a vontade de viver em qualquer objetivação, todo o seu ser se rebela contra a morte. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9).

Diante do exposto, o indivíduo, sendo a vontade de viver, teme a morte e tudo o que faz parte dele também se opõe a ela. Portanto, a dor não é o que faz o indivíduo temer a morte, mas sim a ideia do seu fim. E o que poderia ajudar o homem a superar o medo da morte, segundo o filósofo, seria o conhecimento filosófico da essência do mundo, à medida que ele refletisse sobre isso e conseguisse controlar este sentimento.

O autor enfatiza que os sofrimentos morais, intelectuais, os pensamentos, são os mais intensos e que mais perturbam o homem. Mesmo os sofrimentos físicos se tornam irrelevantes, frente ao dano causado por tais sofrimentos morais.

[...] os sofrimentos morais, como os mais fortes, nos tornam insensíveis aos sofrimentos físicos, que o suicídio se torna quase fácil ao homem desesperado ou a quem se sinta dilacerado por uma tristeza mórbida mesmo quando no estado anterior de calma física ou moral este pensamento o tivesse feito recuar. Da mesma maneira os afãs (sic) ou as paixões, que são movimentos do pensamento, consomem o corpo mais rápida e profundamente do que o teriam feito os males físicos. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 20).

Como vimos, os sofrimentos ligados à mente humana são os mais maléficos. Para eles, muitas vezes, não há um remédio que possa curá-los ou aliviar a dor causada por eles. As dores físicas, ao contrário, são muito mais fáceis de serem curadas, podendo mais facilmente serem localizadas, identificadas e saradas. Os sofrimentos morais, por serem tão transtornantes, podem levar o homem a casos até extremos, como a loucura ou o suicídio, sendo de natureza, às vezes, tão violenta, que nos confundem ao ponto de não mais enxergarmos a realidade. E, como exemplo deste sofrimento, temos a paixão, que altera de maneira extrema o comportamento do indivíduo, estando ela conectada a sentimentos como ódio, amor, desejo, obsessão, ansiedade, angústia, ressentimento, desespero, entre outros.

Dessa maneira, o sofrimento provocado pela ideia nos angustia mais do que a própria realidade na vida. A esse respeito, com propriedade, Sêneca é citado: “Dão-se muitas coisas as quais mais do que nos oprimem, nos espantam, e mui freqüentemente somos angustiados mais pela idéia do que pela realidade” (Ep. 5 apud SCHOPENHAUER, 2001).

Desse modo, o que angustia o homem são os pensamentos sobre a vida, não tanto o que ele realmente vive e vê. Por isso, quando se sofre por uma vontade não realizada, não é porque sua realização é tão necessária e que duraria para sempre, mas apenas pelo fato de a ideia não ter sido correspondida – isso é o que gera a angústia.

Quando há o cumprimento da vontade, do querer-viver, ocorrem os momentos que são denominados pelo indivíduo de satisfação, bem-estar, conforto, alegria, sossego. Estes, entretanto, não são eternos, e, quando a vontade não se efetiva, surge o sofrimento. Com isso, Schopenhauer (2001, p. 28) corrobora,

Quando surge um obstáculo entre ela e o seu escopo momentâneo, chamamos a tal obstáculo sofrimento; seu bom sucesso ao invés é o que chamamos satisfação, bem-estar, felicidade [...] Porquanto cada aspiração nasce dum necessidade, dum descontentamento com o próprio estado; existe, portanto, sofrimento até que tal aspiração não seja satisfeita; mas não existe satisfação durável: esta não é senão o ponto de partida dum nova aspiração, sempre embargada por toda maneira, sempre lutando, portanto, sempre causa de dor: para ela jamais um escopo final, jamais para ela um limite ou termo de sofrimento.

Tendo em vista as ideias mencionadas, o sofrimento é contínuo no mundo, pois este, sendo movido pela vontade, o querer-viver – que se manifesta mais acentuadamente quando ela se torna efetiva, por meio da realização do desejo, os momentos chamados de felicidade –, sempre se mostra quando acontece o impedimento de essa vontade se realizar.

Ao observarmos atentamente as atuais relações amorosas contemporâneas, que são um dos objetos de reflexão deste trabalho, percebemos que, em tais relacionamentos, o sofrimento, em geral, se mostra bastante evidente, devido à não satisfação da necessidade imaginada como necessária, especialmente quando há o fim de uma relação, a morte tão temida pelo ser humano, o que gera a decepção e os diversos sentimentos considerados maléficos pelo homem, o que, conseqüentemente, também é resultante da mudança da identidade do indivíduo. A respeito disso, Gustavo Lago (2009, p. 10-11) argumenta:

Essas novas práticas amorosas são facilitadas pelos produtos derivados dos avanços tecnocientíficos, que possibilitaram às pessoas relacionarem-se de forma imediata, inclusive a longas distâncias. Telefones celulares, radiocomunicadores, emails, blogs, websites e diversos outros meios de comunicação parecem buscar promover maior interação entre as pessoas. Por outro lado, observa-se que, cada vez mais, os problemas de relacionamento são trazidos à tona: nos consultórios de psicologia e psiquiatria, nos programas de rádio e televisão, nas reportagens de revistas e jornais, como questão geradora de grande sofrimento psíquico. [...] A ambivalência advinda da vontade de se obter um relacionamento seguro sem que se perca a liberdade, assim como a possibilidade de rejeição por parte do amante, fazem com que se relacionar seja angustiante. Os valores pós-modernos, com seu caráter individualista, tornam o sujeito contemporâneo intolerante à dor e ao sofrimento.

Nesse sentido, a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia como também a Literatura, cada uma no que lhe cabe, percebem que as relações amorosas na atualidade têm sido um fenômeno a ser discutido, principalmente porque essas têm causado grandes problemas ao ser humano e, conseqüentemente, à sociedade enquanto instituição formada por seres humanos que se relacionam. Apesar de a comunicação entre os humanos ter sido facilitada nas últimas décadas, devido ao avanço tecnológico, à globalização e à internet, e as pessoas, com isso, estarem se relacionando com mais frequência e rapidez, isso não significa que tais relacionamentos estejam tendo a qualidade esperada, que sejam considerados vínculos de convivência benéficos para os seus envolvidos, pelo contrário, o que se observa são resultados cada vez mais desastrosos como fruto dos problemas trazidos pelos relacionamentos amorosos do mundo moderno.

Como efeito disso, o sofrimento é algo sempre presente nas relações afetivas contemporâneas, de uma maneira ou de outra, seja quando o indivíduo pós-moderno quer evitar o estabelecimento de um compromisso com apenas uma pessoa – para a não criação de vínculos concretos, ocasionando na busca contínua de uma pessoa nova para viver encontros rápidos, por medo de perder a liberdade que acredita ter –, seja quando a pessoa acredita que o seu relacionamento não está lhe satisfazendo ou quando acha que está sendo traída, seja pelo término não esperado da relação. Sendo assim, o sofrimento é inevitável à condição humana, e esquivar-se dele é um ato que tende a intensificá-lo, por isso as relações amorosas hodiernas, originadas de uma cultura que não suporta o sofrimento e faz de tudo para evitá-lo, têm provocado sérias complicações na vida dos seres humanos. Há, por exemplo, casos que chegam a levar até a uma morte física, quando uma das pessoas não aceita a separação do relacionamento, ou uma traição, e resolve querer acabar com o seu sofrimento dando fim à vida daquele que lhe decepcionou, situação que é noticiada quase todos os dias em reportagens de jornais.

O desejo de esquecer o sofrimento para construir uma vida sem perturbações, característica própria dos indivíduos da nossa cultura pós-moderna, é então entendido como a vontade de se obter a felicidade sem, porém, sentir o descontentamento. Corroborando com isso, Gustavo Lago (2009, p. 38) explica o pensamento de Freud sobre o assunto:

Freud (1930 [1929]/1996h), em seu livro “O mal-estar na civilização”, investiga as causas psicológicas que originam o sofrimento humano. Ele identifica os fatores determinantes da insatisfação, colocando as exigências da cultura civilizatória como o principal obstáculo à satisfação pulsional. O autor parece equivaler a obtenção de

felicidade à obtenção de prazer e, a partir dessa perspectiva, pontua que a busca da felicidade pode ser vista sob dois aspectos: a busca por intensos sentimentos de prazer e a evitação de sentimentos desprazerosos. Para Freud (1930 [1929]/1996h), esta seria a forma mais elementar do funcionamento psíquico: obter prazer e evitar desprazer. Uma reflexão menos cuidadosa poderia fazer pensar que o sentimento de felicidade seria remetido apenas ao primeiro aspecto, mas, para o autor, ambos seriam intenções almejadas pelo indivíduo em sua busca.

Conforme a teoria supracitada, o desejo de possuir a felicidade por meio de momentos em que o prazer seja demasiado e, portanto, não haja momentos desgostosos, prevenindo-se de tais desagradados, é o motivo de origem do sofrimento humano, já que a felicidade eterna, sem que haja intervalos de descontentamentos, é algo impossível à vida humana, uma vez que a felicidade só pode ser experienciada em curtos momentos, ao contrário dos momentos de insatisfação, que são bem maiores na vida, como antes o filósofo Schopenhauer (1960) enfatiza. Continuando a reflexão, Freud (1996, p. 50) enfatiza:

[...] o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início [...] Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da 'Criação'. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.

Com efeito, concluímos que todas as ciências aqui revisitadas, a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia, por meio dos pontos de vista dos seus representantes aqui citados, concordam que a felicidade ilimitada é a preocupação maior do homem e que o sujeito da sociedade atual tem buscado mais visivelmente a saciação dessa sua felicidade nas suas relações com os seus semelhantes, em detrimento do que pode ser compreendido com desvantagens a sua vontade. Tal fato, contudo, tem acarretado a ampliação do sofrimento humano, o que, por sua vez, tem causado várias consequências, entre elas, a criação de falsas expectativas e a construção imaginária da personificação do outro e a aversão a um novo envolvimento amoroso provocada pela decepção amorosa.

3. A FRAGMENTAÇÃO EM MIA COUTO E GUIMARÃES ROSA: ANÁLISE

Como é bem explicado por Antônio Cândido, em sua obra *O direito à literatura* (1995), a literatura tem como natureza: ser complexa, humanizadora, ter uma construção de significados autônoma, é uma representação de sentimentos e perspectivas individuais e coletivas de mundo e é um meio de divulgação de conhecimento. Desse modo:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 176).

Neste sentido, ao compreendermos esta visão do papel da literatura, reconhecemos quão importante é não apenas ler mas também analisar essa abundante fonte de conhecimento linguístico, cultural, social e humano. Assim sendo, nos propomos a analisar a seguir dois contos contemporâneos, um sendo representante da Literatura Africana e outro da Literatura Brasileira, respectivamente – “O perfume”, de Mia Couto e “Desenredo”, de Guimarães Rosa – ambas, que, em nível cultural e social, podem ser consideradas semelhantes.

O conto é o gênero literário definido como o modo de contar algo, de narrar um acontecimento, conforme expõe Nádia Gotlib (2006, p.11), ao citar Brémond (1972), em sua obra *Teoria do Conto*:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação”. No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação”, neste “projeto humano” com uma “sucessão de acontecimentos”.

Dessa forma, o conto é concebido como uma narrativa que retrata uma sequência de fatos de relevância humana, pois expõe assuntos ligados à vida humana, sobre o individual e o social, sobre o que é próprio da interioridade e da exterioridade da existência humana, relacionando os fatos com o humano de forma que esta relação tenha significância, e isso é constituído em uma sequência desenvolvida em um momento. Neste sentido, os contos que serão analisados adiante são narrações de acontecimentos fictícios que podem ser considerados

representações da vida humana cotidiana, já que neles as pessoas (personagens) expressam as suas emoções, opiniões e conhecimentos acerca de si e da sociedade de que fazem parte, e essas manifestações se configuram como características típicas do indivíduo e das sociedades contemporâneas, conforme confirmam as teorias observadas.

O conto “O perfume”, de Mia Couto, retrata a vida das personagens Glória e Justino, os quais, embora casados há um certo tempo, já não são mais íntimos, pelo contrário, o tempo e a distância física – pois Justino trabalhava em ferrovias – só fizeram distanciar os dois e tornar a relação um peso; o encantamento se perdeu, e ambos viviam um grande descontentamento. Uma atitude tomada por Justino, no entanto, modificou a realidade de suas vidas. O homem trouxe um presente para a mulher e a levou para um baile, fato inusitado para Glória, que não entendia aquela mudança repentina do marido. A mulher percebeu a intenção do homem apenas depois, quando Justino partiu e a deixou no baile sozinha. Ainda assim Glória não quis aceitar a decisão do marido, e foi a sua procura. Quando chegou em casa, não o encontrou lá. Ficou, então, mais atormentada pelo abandono de Justino e sonhou com o seu retorno. Até que um dia, finalmente, Glória parece despertar para a realidade e se reconhecer em sua nova vida.

Em “Desenredo”, Guimarães Rosa descreve a vida de Jó Joaquim, um homem que era considerado pelas pessoas da cidade onde morava e que se envolveu amorosamente com Vilíria, uma mulher provida de beleza e que era casada. Ao longo do enredo, os acontecimentos motivados pela inconstante vida afetiva de Vilíria (permeada por traições aos seus parceiros) gera instabilidades na identidade de Jó Joaquim, que luta entre o que deseja e o que não consegue obter, que é perturbado pela vontade de ser feliz com Vilíria e os obstáculos que se apresentam a impedir que essa felicidade seja efetiva. No fim, Jó Joaquim sempre acaba perdendo a mulher por suas traições, esquecendo o passado e até idealizando uma relação de felicidade irreal, tamanha é a sua vontade de tê-la.

No tópico seguinte, discorreremos mais sobre a análise dessas duas obras e as categorias selecionadas: A crise de identidade do sujeito, O amor (enamoramento) e o sofrimento causado pela decepção amorosa, conforme as teorias aqui observadas.

3.1. A crise de identidade do sujeito nos contos “O perfume” e “Desenredo”

Como já mencionado no capítulo anterior, o sujeito pós-moderno é resultado de um processo de fragmentação da sua identidade, diferentemente do sujeito antes conhecido, que era centralizado, racional, feito por certezas e que ocupava um lugar estável. Assim sendo, o sujeito atual, fruto de uma constante alteração identitária, vive em um entrelugar, ocupa uma condição instável, muitas vezes não se reconhece na posição em que está e, então, vive se questionando a respeito de questões ligadas a sua existência.

Neste sentido, podemos observar tais características da crise de identidade do sujeito aplicadas nos contos “O perfume” e “Desenredo”, por meio das representações expressas pelos seus personagens, especificamente, os protagonistas Glória (O perfume) e Jó Joaquim (Desenredo), portanto, analisaremos na sequência como ocorrem tais manifestações nos recortes selecionados.

No conto “O perfume”, a personagem Glória, mulher submissa ao seu marido Justino, demonstra em vários trechos da história a sua grande insegurança e incerteza acerca de si e do papel que ela ocupa na vida, principalmente quando se vê sem a presença física de Justino. Glória vive então um processo de mudança em que dá sinais de dualidades. Inicialmente, apresenta uma condição de mulher passiva e conformista, como alguém que não tem mais esperança, “A mulher, subvivente, somava tanta espera que já esquecera o que esperava” (COUTO, 1994, p. 20), essa já não sabia mais quem era, depois de tanto experienciar a servidão ao esposo, que a deixava perdida quando este não estava no controle de sua vida.

Dessa forma, a posterior confusão da personagem provocada pela influência do seu marido se configura como a representação da crise de identidade abordada em Hall (1992, p. 1), em que “[...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito”. Como a mulher que antes vivia em seu mundo cômodo, estável, em que não esperava mais nada que alterasse a sua condição, e, depois, começou a se sentir confusa, dividida entre o querer ser livre e o medo de não saber ser livre, assim, percebemos os indícios de sua alteração identitária.

Outro aspecto ligado à crise da fragmentação do sujeito é o fato de a protagonista não se reconhecer etnicamente devido a sua raça: “Lembrou as palavras de sua mãe: mulher preta livre é a que sabe o que fazer com o seu próprio cabelo. – Mas eu, mãe: primeiro, sou mulata. Segundo, nunca soube o que é isso de liberdade. E riu-se: livre: Era palavra que parecia de outra língua” (COUTO, 1994, p. 20). Sendo mulata, Glória, provavelmente, filha de mãe negra e pai branco, não sabe como se comportar enquanto mestiça, já que nem se considerava totalmente negra nem branca, se sentindo presa, portanto, a um entrelugar instável, sem tomar uma posição como sua e sem saber o que fazer com o próprio cabelo – sendo análogo a sua vida.

Dessa maneira, ao longo da narrativa, a personagem revela-se fragmentada, não sabe mais o que fazer nem mesmo se compreende, ao passo que a sua imagem é modificada a partir do momento em que o seu marido retorna e ordena que ela mude o seu modo de vestir, volte a se maquiar e a usar o perfume que havia muito tempo guardado, “Ela ergueu o rosto, desconhecida.” (COUTO, 1994, p. 21). Assim, na medida em que a sua imagem exterior transformava-se, a visão interior que tinha de si mesma também se convertia. Igualmente, Glória não queria acreditar que a libertação do seu eu, por meio do desprendimento da sua antiga condição e, logo, da subjugação a Justino, estava acontecendo, conforme exposto na ocasião em que o marido a leva ao baile – “Glória parecia não dar conta da realidade”, ela se mostra, pois, surpresa com tantas mudanças e, concomitantemente, com receio do novo que está a surgir.” (COUTO, 1994, p. 21).

Nesse sentido, a protagonista se mostra cada vez mais dividida e percebe que perdera algo não apenas concreto com a partida de Justino mas também subjetivo e despede-se também da mulher que ela era até então – “Glória colheu a lágrima com dobra do próprio vestido. De quem, dentro dela mesma, ela se despedia?” (COUTO, 1994, p. 22) –, embora ainda não quisesse aceitar tal fato, buscando compreender o que estava acontecendo. A mulher, sentindo-se abandonada, sem saber lidar com a liberdade que nunca tivera, resolve então voltar para a casa (lugar em que residia), mas, de maneira análoga, pode-se dizer que ela decide retornar para a casa de dentro, para o seu eu, em busca de encontrar a si mesma – “Em sobressalto, correu para dentro da casa. Foi quando pisou vidros, estilhaçados no sopé de sua janela. Ainda hoje restam, indeléveis pegadas de quando Glória estreou o sangue de sua felicidade.” (COUTO, 1994, p. 23); os pedaços de vidros estilhaçados que se espalharam com a quebra do perfume são, metaforicamente, os fragmentos em que se repartira a identidade de

Glória; e é assim que termina o conto, não arbitrariamente, pois Mia Couto, além de nos fazer sempre refletir sobre algum tema socialmente relevante na atualidade, também possibilita que os seus desfechos sejam passíveis a várias interpretações, fazendo com que o nosso imaginário crie os mais diversos finais.

Desse modo, tal característica se apresenta neste conto, que, no fim, nos deixa atentos ao que seria este “estreu o sangue de sua felicidade”. Como uma das interpretações cabíveis, o “estrear” seria o começar uma nova vida. Glória, a partir de então, começou a considerar que era possível viver sem Justino, a aceitar que a liberdade existe em sua vida e que ela pode ser agora quem ela quiser, sem a imposição de outra pessoa, e assumir a identidade de sujeito pós-moderno. Outra leitura aceitável seria que o “sangue da sua felicidade” supostamente é o reavivamento do amor que existia entre o casal, que foi renovado com a mudança da visão de Glória sobre si mesma (por meio da mudança de rotina provocada pela escolha de Justino de levá-la ao baile) e com o sentimento de abandono definitivo do marido, que, possivelmente, se arrependera e voltara para casa ao fim.

Com relação ao conto “Desenredo”, o seu protagonista, Jó Joaquim, é caracterizado como um homem bom, paciente, porém que se envolve com uma mulher bonita, mas casada, pela qual se vê apaixonado e, por isso, muda toda a sua vida. Devido às tantas transformações ao longo da narração, ele expõe, em certos momentos, a sua crise de identidade.

A partir do momento em que Jó Joaquim se apaixona por Vilíria, a sua vida começa a ser modificada, ele deixa de ser um homem com uma vida tranquila e de ter um prestígio social para passar a viver uma vida de aventura, perigo e turbulência, ser alvo das conversas e ser visto com maus olhos pelas pessoas da cidade. Tal alteração na identidade do protagonista pode ser vista como a transformação do sujeito do iluminismo – racional, centrado e estável – para o sujeito sociológico, que Hall (1992, p. 2) explica:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

No entanto, temos a consciência de que o sujeito do iluminismo era um indivíduo situado em um tempo e espaço mais remotos do tempo em que a obra de Guimarães é localizada, e tal conceito teórico pode ser ajustadamente aplicado à análise, pois as características que o personagem apresenta mostram-se próximas à noção de sujeito do iluminismo exposta por Hall (1992).

Com a decepção sofrida após a descoberta da primeira traição da pessoa amada, Jό Joaquim se encontra perdido e entra em crise identitária; se sente, então, obrigado a se afastar da mulher, lutando contra a sua vontade de estar com ela, e sofre por viver a ambiguidade: desejo e aversão.

Jό Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o p em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudo personagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude. (ROSA, 1967, p. 53).

As hesitaes do protagonista, que foram provocadas pelo descobrimento do inesperado – a traio de sua amada –, entre os prazeres que antes tivera experienciado na relao com Vilíria – os quais foram motivaes para a conversão da sua vida – e os tormentos causados pela mesma mulher, o perturbam, e Jό Joaquim, por momento, escolhe a reclusão, prefere evitar a convivência com a mulher desejada.

Tal decisão, contudo, não permanece. Sendo o sujeito atual feito de constantes mudanças, o personagem decide então voltar a sua amada: “Vai, pois, com a amada se encontrou [...] Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se” (ROSA, 1967, p. 54). A sua trajetória apresenta-se então repleta de variabilidades, já que a fragilidade que se instaura na sua relao com Vilíria resulta tmbm na fragmentao do seu eu e de suas certezas, fato confirmado pela segunda traio da mulher, situao que ocasionou sua expulsão de casa e, conseqüentemente, uma nova transformao em Jό Joaquim: “Da vez, Jό Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. [...]. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. [...]. Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jό Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente.” (ROSA, 1967, p. 54).

Assim, o personagem parece variar constantemente de identidade; todas as vezes em que ele se sente traído pela amada tenta voltar a sua vida tranquila, com a intenção de voltar a ser um homem considerado quieto, triste, porém respeitado e honrado por todos. Contudo, Jó Joaquim não consegue adequar-se mais à mesma vida antes vivida e a uma única identidade, em virtude de que essa já sofrera a fragmentação, se tornando como as inconstâncias da vida moderna. Então, com o intuito de remediar a situação conflituosa, o homem novamente muda a sua opinião e procura desmentir e mitificar a traição feita pela mulher até conseguir fazer todos na cidade esquecerem-se da imagem desmoral que tinham de Vilíria, para que, enfim, ela pudesse retornar para casa e para a vida de Jó Joaquim.

A representação de Jó Joaquim se apresenta então como típica do sujeito pós-moderno, sendo esse próprio de uma identidade móvel, devido ao enfrentamento entre o conflito de conciliar o que se deseja e o que dele se espera. Além de a fragmentação da identidade ter efeitos para o individual, essa fragmentação também traz consequências para o social e o cultural, sendo observadas nas relações humanas. Nesse sentido, Hall (1992, p. 4), ao parafrasear Laclau (1990), expõe:

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" — isto é, identidades — para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história.

Nesse sentido, as sociedades atuais possuem diversas diferenças que colaboram para que os sujeitos pertencentes a essas assumam posições distintas, ou seja, devido às variadas identidades dos indivíduos em uma mesma sociedade não há uma unidade nela, mesmo assim essa pode se manter integrada, quando as diversas identidades se articulam, embora sempre permaneçam transitáveis, e é isso que permite que novos fatos aconteçam.

3.2. O amor (enamoramento) nos contos “O perfume” e “Desenredo”

Com base nos conceitos de amor e enamoramento teorizados por Bauman (2004) e Alberoni (2010), analisaremos a seguir como as relações amorosas representadas nos contos

“O perfume” e “Desenredo” ocorrem e como são resultantes do processo de fragmentação da identidade do sujeito na contemporaneidade, já exposto no capítulo anterior.

No conto “O perfume”, a relação estabelecida entre Glória e Justino é um vínculo já desgastado pelo tempo e pelas consequências da vida cotidiana – “Entre marido e mulher o tempo metera a colher, rançoso roubador de espantos. Sobrara o pasto dos cansaços, desnamoros, ramerrames. O amor, afinal, que utilidade tem?” (COUTO, 1994, p. 20). O casamento, enquanto instituição da vida cotidiana, tem a capacidade de distanciar as pessoas, podendo torná-las até desumanas, se essas não o renovam por meio do estado nascente, que é a verdade da instituição (ALBERONI, 2010); e, para que ela seja humana, é fundamental que haja o seu renascimento por meio do movimento nascente; igualmente, o enamoramento é a verdade do amor:

Se não é continuamente revitalizada pelo estado nascente, a instituição torna-se desumana, reduz os homens a coisas, e é nesta forma que aquele a encontra. Porque o estado nascente é a sua verdade – o enamoramento é a verdade do amor –, descobre-se privada de verdade, puro poder; e porque a instituição não pode ver no estado nascente a sua verdade – precária, fugaz, puro devir – classifica-a como irracionalidade, loucura, escândalo. (ALBERONI, 2010, p. 89).

Na vida cotidiana, a racionalidade, a utilidade, a troca contabilizada, as regras, as certezas, as proibições entre outras características a definem, no enamoramento, o princípio do comunismo é o que rege, a oferta é dada e não se espera nada do mesmo valor em troca, tendo, também, como dimensão, a verdade e a autenticidade; o enamoramento é irracional e cabe ao privado. Assim, na vida cotidiana, o enamoramento não é aceito, antes, ele é rejeitado.

A vida cotidiana acabou matando o amor que, em algum tempo provavelmente existiu entre o casal, já que essa não dá valor para o que não tem utilidade, “O amor, afinal, que utilidade tem?” (COUTO, 1994, p. 20). O modo racional de pensar da vida cotidiana não dá espaço para o amor, pois sempre estamos ocupados com outras coisas que trazem resultados rápidos e concretos. Ainda sobre a continuidade do enamoramento, conforme Alberoni (2010), esse pode renascer, caso a vida cotidiana seja enfrentada de uma maneira nova, em que o extraordinário é realizado continuamente, em que o caminho a dois é percorrido juntos, mesmo depois das provas, em que a admiração do interior e do exterior é constante. Assim, “o

enamoramto continua porque o estado nascente é um contínuo rever, redescobrir, renovar, procurando os desafios e as ocasiões. Então temos um reenamorar-se da mesma pessoa, mas isto exige que a iniciativa venha de ambas as partes.” (ALBERONI, 2010, p. 130).

Voltando ao conto, ao querer mudar a rotina do casamento, Justino, entretanto, parece ter a intenção de modificar a realidade fracassada da relação, “– Hoje vamos ao baile! Justino assim se anunciou, estendendo em suas mãos um embrulho cor de presente. Glória, sua esposa, nem soube receber. Foi ele quem desatou os nós e fez despontar do papel colorido o vestido não menos colorido [...]” (COUTO, 1994, p. 20), ensaia-se, pois, um novo enamoramto, mesmo esse não sendo real e bilateral – fato que é comprovado com a partida de Justino no fim – esse novo tem a capacidade de fazer Glória se perceber em um novo lugar, se sentir deslocada, se imaginar de outra forma e, gradualmente, mudar a sua antiga identidade,

De onde o espanto de Glória, deixando esparramejar o vestido sobre seu colo. Que esperava ela, por que não se arranjava? O marido, parecia ter ensaiado brincadeira. Que lhe acontecera? O homem sempre dela se ciudara, quase ela nem podia assomar à janela, quanto mais. Glória se levantou, ela e o vestido se arrastaram mutuamente para o quarto. Incrédula e sonambulenta, arrastou o pente pelo cabelo. Em vão. O desleixo se antecipara fazendo definitivas tranças. [...] o mesmo embaraço que experimentava em vestir a roupa que o marido lhe trouxera. Abriu a gaveta, venceu a emperrada madeira. E segurou o frasco de perfume, antigo, ainda embalado. Estava leve, o líquido havia evaporado. Justino lhe havia dado o frasco, em inauguração do namoro, ainda ela menina. Em toda a vida, aquele fora o único presente. Só agora se somava o vestido. Espremeu o vidro do cheiro, a ordenhar as últimas gotas. *Perfumei o quê com isso*, se perguntou lançando o frasco no vazio da janela. — Nem sei o gosto de um cheiro. (COUTO, 1994, p. 20).

Dessa forma, a tentativa de Justino de alterar a vida cotidiana serviu não para reavivar o enamoramto entre os dois, mas sim para fazer a mulher se questionar sobre o seu presente, as atitudes do marido e refletir acerca do seu passado, recordando-se do único presente que tinha ganhado até então: o frasco de perfume guardado na gaveta que recebera de Justino há muito tempo, do qual havia sobrado apenas algumas gotas – “E segurou o frasco de perfume, antigo, ainda embalado. Estava leve, o líquido havia evaporado” (COUTO, 1994, p. 20). O vidro de perfume antigo representa, assim, o enamoramto que antes existiu entre Glória e Justino, que foi apagado com o tempo, esvaziou-se, secou assim como o líquido do perfume; e a percepção de Glória de que o que restara no frasco já não era suficiente para que ela se perfumasse reflete a sua compreensão, embora que ainda inconsciente, de que o relacionamento já não poderia ser restaurado, “*Perfumei o quê com isso*, se perguntou

lançando o frasco no vazio da janela. — Nem sei o gosto de um cheiro. ” (COUTO, 1994, p. 20); e, também, o início da sua crise existencial.

Mesmo com a concepção de que o enamoramento tivera findado, e, conseqüentemente, a instituição estava falida, Glória não quer aceitar o fim do relacionamento e a separação, já denunciada por Justino por meio de suas mudanças repentinas:

Mas não. Justino contemplou o moço e lhe fez amplo sinal de anuência. A esposa arguiu: — Mas eu preferia dançar primeiro com meu marido. — Você sabe que eu nunca danço... E como ela ainda hesitasse ele lhe ordenou quase em sigílio de ternura: Vá, Glorinha, se divirta! E ela lá foi, vagarosa, espantalhada. Enquanto rodava ela fixava o seu homem, sentado na mesa. Olhou fundo os seus olhos e viu neles um abandono sem nome, como esse vapor que restara de seu perfume. Então, entendeu: o marido estava a oferecê-la ao mundo. O baile, aquele convite, eram uma despedida. Seu peito confirmou a suspeita quando viu o marido se levantar e aprontar saída. Ela interrompeu a dança e correu para Justino: — Onde vai, marido? — Um amigo me chamou, lá fora. Já volto. — Vou consigo, Justino. (COUTO, 1994, p. 21-22).

Tal característica é semelhante ao que explica Alberoni (2010, p. 38): “Aquilo que já não interessava na banalidade da vida quotidiana volta a ser essencial [...] A perda da pessoa menospreza tudo aquilo que é, os seus valores, a sua imagem, a opinião que tem de si própria. [...]”. Ao sentir a mudança de Justino, portanto, que se apresenta como um estado inicial de algo novo, Glória se sente inferiorizada quanto à personificação que tinha de si e passa então a querer de volta a presença do marido ao seu lado, mesmo que isso não fosse mais possível, já que ele mostrava que não mais tinha necessidade da mulher. Assim sendo, a mulher volta para casa com intuito de retomar o que já perdera há muito tempo, buscando encontrar o marido em casa:

Voltou a casa, sob o crepitar dos grilos. A meio do carreiro se descalçou e seus pés receberam a carícia da areia quente. Olhou o estrelejo nos céus. As estrelas são os olhos de quem morreu de amor. Ficam nos contemplando de cima, a mostrar que só o amor concede eternidades. Chegou a casa, cansada a ponto de nem sentir cansaços. Por instantes, pensou encontrar sinais de Justino. Mas o marido, se passara por ali, levara seu rasto. A Glória não lhe apeteceu a casa, magoava-lhe o lar como retrato de ente falecido. Adormeceu nos degraus da escada. Acordou nas primeiras horas da manhã, tonteando entre sono e sonho. Porque, dentro dela, em olfatos só da alma, ela sentiu o perfume. Seria o quê? Eflúvios do velho frasco? Não, só podia ser um novo presente, dádiva da paixão que regressava. — Justino?! (COUTO, 1994, p. 22-23).

Glória, então, constrói a imagem idealizada da relação que viveu com Justino em torno da falsa crença da felicidade plena, perpetuada pelos contos de fadas, que, na verdade, não

passa de um mito, é uma ilusão considerar que tal perfeição seja possível de ser concretizada na vida real, pois, segundo Alberoni (2010, p. 48), existe uma polaridade tanto na vida cotidiana quanto no enamoramento, “A polaridade da vida cotidiana é entre a tranquilidade e o desapontamento; a do enamoramento, entre o êxtase e o tormento. A vida cotidiana é um eterno purgatório; no enamoramento há só ou o paraíso ou o inferno, ou somos salvos ou condenados.”

Na realidade, o mito da felicidade origina-se do apego pela duplicidade positiva (tranquilidade e êxtase) em detrimento da duplicidade negativa (desapontamento e tormento), ou seja, deseja-se, na vida cotidiana, esquecer que no enamoramento havia o tormento, buscando-se apenas pensar nos momentos de alegria; vivendo-se de nostalgia. Assim, tanto o estado nascente quanto a instituição cotidiana possuem desvantagens e, por isso, não são estados em que a perfeição habita. Entende-se também que eles são igualmente importantes, não há um que seja superior ao outro, porque ambos fazem parte da vida, e não há a existência do enamoramento, por exemplo, sem que haja uma posterior instituição (ALBERONI, 2010).

A respeito do relacionamento amoroso representado no conto “Desenredo” entre os personagens Jó Joaquim e Vilíria, esse pode ser definido como uma relação em que o desejo individual prevalece, especialmente por parte da mulher, que busca atrair os homens para alimentar o seu ego e, logo, não mais satisfeita, os troca por um novo, cometendo então a traição contra aquele que a amava, característica peculiar dos relacionamentos líquidos da contemporaneidade, em que, “a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascina e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.” (BAUMAN, 2004, p. 18).

A mulher era casada, quando Jó Joaquim por ela se enamorou; no entanto, era muito bela, com olhos de quem sabia o que queria, impossível de ser controlada e que já demonstrava várias faces ou identidades, conforme pode ser interpretado o seguinte trecho:

Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu. Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas. (ROSA, 1967, p. 53).

Jó Joaquim, então, se enamorou pela mulher, alterando toda a sua vida por causa desse sentimento avassalador, o fazendo experienciar o êxtase próprio do estado nascente, que é

capaz de fazê-lo renascer, pois “O enamoramento é o processo em que a outra pessoa, aquela que encontramos e nos correspondeu, se nos impõe como objecto pleno do desejo, e este facto obriga-nos a reorganizar tudo, a repensar tudo, em primeiro lugar o nosso passado. Na realidade não é um repensar, é um refazer, pois é, de facto um renascimento.” (ALBERONI, 2010, p. 36). No entanto, o objeto de desejo de Jó Joaquim, Vilíria, não estava enamorada por ele, se caracterizando, assim, um enamoramento unilateral – em que apenas uma pessoa está enamorada e o outro não, esse apenas finge estar enamorado para obter a satisfação própria ou o poder sobre a outra pessoa:

Quem deseja fazer enamorar um outro sem estar enamorado? Em primeiro lugar, aquele tipo de pessoas de que falámos antes, aquelas que desejam enamorar-se para enriquecerem a sua vida quotidiana. Essas procuram uma resposta, receiam não a ter e por isso, na contínua tentativa de “sedução”, podem obtê-la de quem tem necessidade interior de a dar. Mas pode ser algo mais mesquinho, como o desejo de êxito ou também de poder. O amor confere um enorme poder a quem ama, e este poder dá prazer porque lisonjeia a vaidade, porque torna o outro escravo, disponível [...] (ALBERONI, 2010, p. 77).

A mulher seduz Jó Joaquim, assim como aos demais homens com os quais se envolve amorosamente, não estando verdadeiramente enamorada, pois o enamorado verdadeiro não tem olhos para outro que não seja o seu amado, já que o enamoramento é considerado um movimento coletivo entre apenas duas pessoas. Entretanto, Jó Joaquim se abre inteiramente ao enamoramento, “Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto” (ROSA, 1967, p. 53), pois ele já se considerava incompleto, não era mais apenas um sujeito individual e racional. Ademais, “O enamoramento é o abrir-se a uma existência diferente sem que nada garanta que seja realizável, é um canto altíssimo ao que nunca se está certo de ter resposta.” (ALBERONI, 2010, p. 41).

O enamoramento de Jó Joaquim por Vilíria, por fim, se transforma em amor, mesmo ele sabendo que ela não o correspondia igualmente e, mesmo magoado mais de uma vez pela traição da mulher, não é capaz de cometer nenhum mal contra ela – “Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão.” (ROSA, 1967, p. 54) –, decide, pois, perdoá-la, esquecer os seus defeitos e apenas enxergar e ampliar as suas qualidades. “A passagem do enamoramento ao amor requer que cada um obtenha a prova de poder ser amado, ainda que se desumanize” (ALBERONI, 2010, p. 96) – ainda que contrariando os seus princípios, desumanizando-se, portanto, “Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente,

casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.” (ROSA, 1967, p. 54) Nela confia, pois o amor é entregar-se àquela pessoa que é única no mundo para si: “Aquele por menor, aqueles pormenores, existem nela, somente nela, em nenhuma outra pessoa do mundo; ela é extraordinariamente única e extraordinariamente diferente, e o assombro do amor é encontrar resposta deste ser tão único e tão ele próprio como nenhum outro. [...]” (ALBERONI, 2010, p.44).

Diante do amor, todas as decepções do cotidiano são apagadas ou minimizadas, para que o amado seja agradado, “O amor, por outro lado, é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. [...] O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Amar diz respeito a auto-sobrevivência através da alteridade.” (BAUMAN, 2004, p. 13). Sendo assim, Jó Joaquim não mede esforços para cuidar de preservar a imagem de Vilíria, “Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.” (ROSA, 1967, p. 54). Após expulsar a mulher, fica profundamente triste e trata logo de planejar uma solução para o problema, buscando imacular a imagem da mulher, a fim de que todos na cidade esquecessem os feitos abomináveis de Vilíria,

Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade — ideia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. [...] Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. (ROSA, 1967, p. 54).

Observamos aqui que a ideia de felicidade plena passou a ser criada pelo homem, como forma de desejo de reviver a alegria inicialmente compartilhada com Vilíria no enamoramento, buscando apagar o sofrimento também vivido, almejando a sua realização, assim, Jó Joaquim desejava, na verdade, experimentar de novo o momento de felicidade eternizado que tivera no estado nascente da sua relação com Vilíria.

O homem, então, prossegue a sua vida arquitetando e colocando em prática o plano de redimir a mulher de seus pecados, livrando-a das más línguas e lhe oferecendo uma nova vida sem um passado, “Jó Joaquim, genial, operava o passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa? [...] Haja o absoluto amar — e qualquer causa se irrefuta [...] Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.” (ROSA, 1967, p. 54). Acreditava ele que por amor tudo valia a pena, mesmo que para obtê-lo tivesse que mentir para todos, mais ainda fingir para si mesmo que aquilo era real até de fato tornar-

se crédulo na sua própria história, por fim, consegue perdoá-la, pois, no amor, as coisas consideradas negativas na vida cotidiana são vistas como qualidades, ganha, então, um outro valor, são interpretadas de outra forma, assim – “No amor cada um conhece as fraquezas do outro, mas, mesmo considerando-as como tal, compreende-as, perdoa-as ou até as aprecia.” (ALBERONI, 2010, p. 82).

Por último, no desfecho do conto, o casal reata a relação e, então, a felicidade dos contos de fadas parece reinar, a ideia de “viveram felizes para sempre” eternizada. “Três vezes passa perto da gente a felicidade. Já Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida. E pôs-se a fábula em ata.”(ROSA, 1967, p. 54), como se o êxtase do momento fosse sempre contínuo a partir de então, sem que houvesse mais os momentos de tormentos, apenas a alegria e a tranquilidade imperassem. Tal pensamento de final perfeito, entretanto, é inverossímil, não pode ser considerado legítimo, “[...] E pôs-se a fábula em ata.”, pois, sendo a fábula uma narração ficcional, não se assemelha em tudo com a vida real, uma vez que essa é apenas uma invenção que apresenta elementos do mundo real, e, ainda, porque não existe relação humana sem ambiguidade, como enfatiza Bauman (2004).

Os relacionamentos humanos, assim como os indivíduos, são marcados por instabilidades, por vezes, passam por momentos de calma, satisfação, entusiasmo etc. Da mesma forma, as situações de desassossego, de descontentamento, sofrimento, entre outras, fazem parte do cotidiano e coexistem, não podendo, pois, ser negadas, ao menos não no mundo concreto. No momento atual, todavia, o desejo de querer esquecer os tormentos dos relacionamentos e imaginar um modelo de relacionamento capaz de suprir todos os anseios tem sido notável, gerando cada vez mais falsas expectativas de felicidade, produzindo, dessa maneira, o sofrimento pelo não cumprimento de tais esperanças criadas.

3.3. O sofrimento causado pela decepção amorosa nos contos “O perfume” e “Desenredo”

O sofrimento, no conto “O perfume”, se mostra evidente quando Glória se percebeu sozinha, ao compreender que o marido a tinha levado ao baile com a intenção de se despedir definitivamente dela, que o convite e o presente eram só um pretexto para fazê-la se sentir um pouco mais livre, para que pudesse se descobrir nesta nova condição,

Olhou fundo os seus olhos e viu neles um abandono sem nome, como esse vapor que restara de seu perfume. Então, entendeu: o marido estava a oferecê-la ao mundo. O baile, aquele convite, eram uma despedida. Seu peito confirmou a suspeita quando viu o marido se levantar e aprontar a saída. Ela interrompeu a dança e correu para Justino. (COUTO, 1994, p. 21).

A mulher, por fim, toma consciência do abandono do marido, que há muito tempo já houvera sido denunciado por meio do afastamento que a vida trouxera, mas o comodismo da vida cotidiana não lhes permitia assumir; somente agora, com a fuga de Justino, a verdade viera à tona, contudo, Glória ainda não queria aceitar a realidade, pois não era aquilo que esperava, gerando, assim, a angústia por não ter a sua vontade realizada, causada pela oposição ao sofrimento, por ter medo da morte do casamento e, conseqüentemente, daquilo que ela acreditava ser, pela separação total de Justino. Sobre o desvio da morte como proteção contra a ameaça que esta provoca à vontade do ser humano, Schopenhauer (2001, p. 9) destaca, “A morte e a dor são, portanto, aos nossos olhos, dois males distintos: o que tememos na morte é efetivamente a destruição do indivíduo porque estamos sob essa forma em que ela se nos apresenta abertamente; e como o indivíduo é a vontade de viver em qualquer objetivação, todo o seu ser se rebela contra a morte. ”.

Glória, destarte, se mostra cada vez mais abalada com o sentimento que a partida de Justino provocara, fixa o seu olhar no marido pela última vez, ele percebe então a sua tristeza, que é externada por meio do choro – “Desta vez, porém, seu peito se agitou, em balanço de soluço. No limiar da porta, Justino ainda virou o rosto e demorou nela um último olhar. Com surpresa, ele viu a inédita lágrima, cintilando na face que ela ocultava. A lágrima é água e só a água lava tristeza.” (COUTO, 1994, p. 21). O homem, no entanto, não desiste da sua decisão de ir embora, mas a mulher ainda não convencida sai em busca dele – “Chegou a casa, cansada a ponto de nem sentir cansaços. Por instantes, pensou encontrar sinais de Justino. Mas o marido, se passara por ali, levava seu rastro.” (COUTO, 1994, p. 22). O sofrimento moral (SCHOPENHAUER, 2001) a tira do seu lugar estável e a move, a fazendo procurar uma resposta para tal sensação.

A indiferença de Justino suscitou a ideia de desprezo, de insignificância em Glória, fazendo-a imaginar o passado como uma relação em que a felicidade era contínua e o descontentamento antes era inexistente, criando nela a vontade de retornar ao passado e ter de volta Justino em sua vida – “As estrelas são os olhos de quem morreu de amor. Ficam nos

contemplando de cima, a mostrar que só o amor concede eternidades.” (COUTO, 1994, p. 22). A mulher, então, amplia o seu sofrimento construindo a visão da felicidade eterna, conforme Lago (2009, p. 38) cita o pensamento de Freud, “a busca da felicidade pode ser vista sob dois aspectos: a busca por intensos sentimentos de prazer e a evitação de sentimentos desprazerosos. Para Freud (1930 [1929]/1996h), esta seria a forma mais elementar do funcionamento psíquico: obter prazer e evitar desprazer.”.

O sofrimento de Glória também fez com que ela desgostasse de tudo o que a lembrasse de Justino, a casa vazia a torturava, pois essa era a materialização da vontade não realizada da mulher, já que ela esperava encontrar o marido lá quando retornasse para casa – “A Glória não lhe apeteceu a casa, magoava-lhe o lar como retrato do falecido. Adormeceu nos degraus da escada.” (COUTO, 1994, p. 22). A casa, portanto, a fazia recordar do desejo irrealizável:

Quando surge um obstáculo entre ela e o seu escopo momentâneo, chamamos a tal obstáculo sofrimento; seu bom sucesso ao invés é o que chamamos satisfação, bem-estar, felicidade [...] Porquanto cada aspiração nasce duma necessidade, dum descontentamento com o próprio estado; existe, portanto, sofrimento até que tal aspiração não seja satisfeita; mas não existe satisfação durável [...] (SCHOPENHAUER, 2001, p. 28).

O tormento de Glória, ao fim, se intensifica, ao ponto em que ela parece não mais saber distinguir a realidade da fantasia, delira entre o sofrimento presente e o desejo imaginado e não realizado, “Porque, dentro dela, em olfactos só da alma, ela sentiu o perfume. Seria o quê? Eflúvios do velho frasco? Não, só podia ser um novo presente, dádiva da paixão que regressava. – Justino.” (COUTO, 1994, p. 22-23), percebe-se evidentemente, então, o sonho de felicidade impossível à vida humana, como salienta Lago (2009, p. 38), ao comentar sobre a teoria de Freud, “O sucesso desse mecanismo, no entanto, parece-lhe estar no nível da impossibilidade. A realidade vai contra esse princípio e o objetivo de ser feliz, ou de viver prazerosamente, parece nunca ser concretizado”.

Analisando-se agora o sofrimento no conto “Desenredo”, observa-se que este sentimento se destaca quando Jó Joaquim descobre as traições da mulher amada, a decepção que sofreu foi de encontro com aquilo que esperava, que desejava que acontecesse,

inflamando assim ainda mais a sua dor e provocando a angústia pela não realização da sua vontade:

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudo personagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude. (ROSA, 1967, p. 53).

O homem não queria acreditar na realidade, ao mesmo tempo, dedicou-se a tentar anular a imagem de Vilíria, queria esquecer tudo o que tinha vivido com a mulher, porém, dividido entre a sua vontade e a impossibilidade de sua concretização, se atormenta e escolhe a reclusão, vive uma espécie de morte, o rompimento da relação com Vilíria, sendo a morte, segundo Schopenhauer (2001), uma condição própria da vida, assim como o nascimento, esses são pertencentes a esse todo, “nascimento e morte pertencem à vida e equilibram-se mutuamente como condições recíprocas, ou melhor, como pólos do fenômeno total.” (2001, p. 4).

Ao saber que Vilíria tivera ficado viúva, Jó Joaquim, no entanto, muda de estado, resolve esquecer o feito da mulher, vê a morte do seu marido como uma nova chance para que ambos pudessem ficar finalmente juntos, para que a sua vontade, enfim, fosse realizada, a felicidade plena então aconteceria, os desgostos não mais existiriam, tudo seria apagado: “Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio.” (ROSA, 1967, p. 54). Almejando o fim do seu sofrimento, Jó Joaquim confia novamente em Vilíria e casa-se com ela, constrói então a sua fantasia de felicidade sem descontentamentos, como acredita Schopenhauer (2001) e corrobora Freud (1996), sendo essa a vontade maior do ser humano.

A felicidade esperada não se eterniza, pois a história se repete – a mulher é descoberta de novo traindo, Jó Joaquim profundamente abalado a expulsa de casa, mais uma vez a sua vontade não é realizada e ele sofre.

Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas,

no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se. (ROSA, 1967, p. 54).

O sofrimento humano, portanto, conforme enfatiza Schopenhauer (1960), é eterno, o homem vive uma inconstância entre os breves momentos de alegria e as várias batalhas enfrentadas. Aquilo que se deseja não é facilmente alcançado, pois tudo se contrapõe a nossa vontade, “E da mesma maneira a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou o aborrecimento, mas também contra os outros homens. Em toda a parte se encontra um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão.” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 7).

Assim, a felicidade contínua não é verdadeira, já que na vida os sofrimentos humanos são superiores aos prazeres, como salienta a teoria schopenhaueriana, por isso, a vida feliz idealizada por Jó Joaquim ao lado de Vilíria não é durável, uma vez que essa oscila entre alguns momentos de tranquilidade e êxtase e várias fases de desgostos e tormentos. Jó Joaquim, no entanto, embora reconhecesse esses sofrimentos e tentasse se desviar deles em alguns estágios da vida, sempre prosseguia na sua convicção de relação ideal, encobrindo os defeitos do relacionamento e enaltecendo, ou até exagerando, as suas qualidades, “De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma. [...]” (ROSA, 1967, p. 54), ele queria, no fim, o modelo de relação amorosa que não lhe causasse mais sofrimento por decepções, que o seu desejo de felicidade fosse alcançado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou quais as causas que originam a fragmentação dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade, com base nos pressupostos teóricos de Hall (1992), Bauman (2004), Alberoni (2010) e Schopenhauer (1960; 2001). Como corpus, avaliou-se a representação dessa fragmentação nos contos "O perfume", de Mia Couto, e "Desenredo", de Guimarães Rosa, nos quais foram identificadas várias características próprias dos relacionamentos presentes na sociedade contemporânea, entre elas, três categorias principais foram selecionadas: a crise de identidade do sujeito, o amor (enamoração) e o sofrimento causado pela decepção amorosa.

Na análise das categorias nos contos, verificou-se que a crise de identidade do sujeito é expressiva nos dois contos, e, assim como ressalta Hall (1992), o sujeito atual é marcado pelas contínuas modificações de sua identidade, já que esta não é estável, e tais transformações não só trazem várias consequências ao indivíduo mas também fazem com que essas transformações sejam refletidas nas suas relações interpessoais e na sociedade.

Constatou-se, também, que uma dessas consequências geradas pela crise de identidade do sujeito são as fragmentações observadas nos vínculos afetivos retratados na literatura – que podem ser considerados imitações ficcionais do mundo concreto; o desequilíbrio identitário do indivíduo atual tem resultado em relacionamentos amorosos frágeis – como enfatiza Bauman (2004) – ou, ainda, em vínculos em que os envolvidos não encontram satisfação, estão sempre com o sentimento de descontentamento, conforme explica Alberoni (2010), pois, devido ao fato de ambos estarem em constante processo de mudança de identidade, não possuem um objeto de desejo em comum, portanto, não há harmonia, uma vez que sempre haverá obstáculos para impedir que as vontades sejam ao mesmo tempo realizadas.

Consequentemente, o sofrimento, sendo inevitável à vida, como salienta Schopenhauer (1960), atualmente, tem se tornado acentuado pela não realização por meio das relações afetivas – seja pelo rompimento indesejado de um relacionamento, seja pela insistência em prosseguir com um envolvimento que já está destinado ao fracasso –, o qual tem a sua origem no anseio do cumprimento da idealização de felicidade que os seres humanos têm, o que faz com que o homem sinta muito mais dor por aquilo que não consegue obter, pela criação de felicidade plena, que, no caso do relacionamento amoroso, se constitui em ter um modelo perfeito de relação, em que não haja tormentos ou desgostos, apenas tranquilidade e

satisfação; fatos todos esses claramente expostos na análise das relações com as quais os personagens se envolvem nos contos.

Por fim, como possíveis futuras análises referentes à perspectiva aqui abordada, sugere-se que mais estudos comparativos sejam realizados em outros gêneros literários além do conto, ou até mesmo entre manifestações intersemióticas diversas, por exemplo, o cinema e a literatura, a fim de confirmar que tais fragmentações referentes à crise de identidade do sujeito se apresenta em vários cenários do mundo das significações, e, também, podem ser reconhecidas em outras representações de relações humanas além da amorosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, F. **Enamoramento e Amor**. 19 ed. Lisboa: Bertrand Editora, 2010.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo, Duas Cidades, 1995.
- COUTO, M. **Estórias abensonhadas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, volume XXI (1927-1931), o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- LAGO, G. C. P. **Conectividade: um estudo sobre o amor pós-moderno**. 88f. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia, Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.
- LIMA, R. D.; ALMEIDA, T. Relacionamentos amorosos e pós-modernidade: contribuições psicodramáticas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 24, n. 1, p. 52-60, 2016.
- ROSA, J. G. **Tutaméia (terceiras estórias)**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo com vontade e representação**. Brasil: Contraponto, 2001.
- _____. **Dores do mundo**. Brasil: Edigraf, 1960.